

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
18 de setembro de 2024

MALCOLM X / 1992

Um filme de Spike Lee

*Realização: Spike Lee / Argumento: Arnold Perl, Spike Lee (baseado no livro *The Autobiography of Malcolm X* de Malcolm X e Alex Haley) / Montagem: Barry Alexander Brown / Direção de Fotografia: Ernest Dickerson / Música: Terence Blanchard / Produção: Marvin Worth, Spike Lee / Coprodução: Preston Holmes / Produção Executiva: Jon Kilik, Benjamin F. Silverman / Design de Produção: Wynn Thomas / Produção Associada: Kisha Imani Cameron, David Leitner / Guarda-roupa: Ruth E. Carter / Interpretações: Denzel Washington (Malcolm X), Angela Bassett (Betty Shabazz), Albert Hall (Baines), Al Freeman Jr. (Elijah Muhammad), Delroy Lindo (West Indian Archie), Spike Lee (Shorty), Theresa Randle (Laura), Kate Vernon (Sophia), Lonette McKee (Louise Little) / Cópia: Digital, a cores e preto e branco, falado em inglês, legendado eletronicamente em português / Duração: 201 minutos / Estreia Mundial: 17 de novembro de 1992, Beverly Hill, Califórnia / Estreia Nacional: 12 de março de 1993 / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Apesar de ter sucumbido com apenas 39 anos, Malcolm X parece ter vivido várias vidas. O mesmo se pode dizer, desde já, sobre o projeto deste filme, uma empreitada que demorou mais de duas décadas até ver a luz do dia, muito graças à persistência do produtor Marvin Worth, que adquiriu, em 1967, os direitos do livro publicado logo a seguir ao homicídio desse grandioso (anti-)herói nascido com a graça Malcolm Little: *An Autobiography of Malcolm X*, escrito pelo próprio Malcolm X com Alex Haley. Disse alguma crítica, à época do lançamento do filme, que demorou muito tempo até Hollywood estar preparada para contar a história de personalidade tão complexa e tão complicada, alguém que parecia – uma “aparência” nunca totalmente percebida nem tão-pouco rigorosa ou até justa – preconizar um caminho de ódio e de violência para eliminar, de vez, esse, nas suas palavras, “cancro maligno no corpo da América”: o racismo. Alguns atores, tais como Richard Pryor e Eddie Murphy, e o realizador (branco) Sidney Lumet estiveram associados ao projeto até que a escolha se fixou no cineasta afro-americano que, no coração da dita Hollywood, soube trilhar o seu próprio caminho, não o fazendo pacificamente. Falo, claro, do homem que “fazia a coisa certa” à frente e atrás da câmara, lançando o pandemônio em Brooklyn no verão quentíssimo de 1989. “A coisa certa”, entenda-se, passava por arremessar um caixote do lixo contra a vitrina de um restaurante italiano que nas suas paredes ostentava um *hall of fame* “lava mais branco”.

No princípio dos anos 90, o realizador de **Do The Right Thing** (1989) escolheu como tema para um próximo filme o seu ídolo maior na história da luta pelos direitos dos afro-americanos. Naturalmente, não preferiu Martin Luther King, figura de discurso demasiado pacificador e polido, nem mesmo Nelson Mandela, apesar de este aparecer no final de **Malcolm X**, numa escola sul-africana, oferecendo Malcolm X como modelo para toda uma geração de meninos e meninas que agora afirmam, positivamente, “eu sou Malcolm X!”, sendo que o mais importante é enfatizar o “eu sou”. Foi mais ou menos esse o grito do pai de Malcolm, depois de a sua casa ter sido arrasada por um bando de “klansmen”, durante os conturbadíssimos anos da sua infância: “Eu sou

um homem!” Entre este grito desesperado do pai de Malcolm e o grito convicto, afirmativo e mobilizante de crianças negras de todo o mundo (rumo a um pan-africanismo impante e indestrutível) conta-se a história deste filme. Spike Lee desdobra Malcolm X nas suas múltiplas faces; aventura-se nesse “território desconhecido” (o fator “X”) através de três grandes períodos: a infância e a juventude, de Malcolm Little ou “Red”, tempos habilidosamente entrelaçados no primeiro grande bloco da narrativa; a experiência da prisão e conversão ao islamismo, numa altura em que Malcolm se torna Malik el-Shabazz, e, por fim, a descida ao inferno e a já sentida como inevitável consumação do “martírio público”, tal como a subsequente eternização do herói nas páginas da História. No fim, tratou-se, de facto, de uma nova descida ao inferno, uma vez que os tempos de juventude foram marcados por essa mesma violência, só que do lado “de dentro”, com Malcolm “aprisionado” ao antro de imoralidade montado pelos “brancos” como forma de continuar uma história de subjugação e de violência contra “o homem negro”, para usar aqui um argumento típico do futuro Malcolm. Do “lado de fora”, Malcolm, já respondendo pelo nome árabe Malik el-Shabazz, combate o poder branco, por via da justiça moral debaixo da luz de Alá, bem como guiado pelos ensinamentos dessa personagem de dúbias intenções, Elijah Muhammad, líder supremo da Nação do Islão, acusado de radicalismo e de práticas pouco abonatórias ligadas à sua conduta sexual.

Não há reconversões milagrosas aqui. A dureza do discurso de Spike Lee não é só, política e moralmente, justa face à personagem complexa e complicada que tem de (nos dar a) encarar, como também é a tradução cinematográfica que se impõe do percurso deste homem excecionalmente brilhante, magnético e até encantador. Rezam as crónicas que havia qualquer coisa na maneira de estar e ser de Malcolm que chocava com a violência das palavras, mas a sua vida foi sendo pautada por esse ímpeto autodestrutivo: do terror infligido por supremacistas brancos até ao terror autoinfligido por quem se mostra perdido entre uma via da paz e uma via da guerra, acabando assassinado pelos seus próprios “irmãos”, digamos assim, e consumido pelo seu próprio discurso, também. É a mais forte e viva alegoria da história americana do século XX. Um homem traído pela sua própria raiva, por ideias que oscilam entre a vitimização absoluta (os negros não como americanos mas como vítimas da América, toda uma “nação” em busca de justiça) e a necessidade premente de reagir, entre a autoimolação e o *call to action*, entre o fervor de um “Amem-me!” e a guerra pelo grito de seu pai: “Eu sou um homem!” É curioso que alguém que parecia tão *imerso* no seu tempo – a tal “era de mártires”, como diz sob o efeito da morte de JFK, que ele próprio desvalorizou de maneira crua e cruel– também fosse alguém que pretendia *superar* a sua época, ultrapassar o racismo estrutural da sociedade americana, qualquer coisa tão entranhada que o levava a dizer-se negro antes de americano e que o levava a dizer que todos os brancos eram criações do diabo: “A única coisa que eu gosto integrada é o meu café”, diz a dado momento, uma graça que resume bem a raiva e o ceticismo deste homem que nunca teve medo da morte e que, nos seus tempos de juventude, gostava de jogar à roleta russa para decidir de vez “quem mandava em quem”.

Lee abraçou este projeto de uma vida de Marvin Worth e deu a Denzel Washington o papel de uma vida. Catapultou o já conhecido e reconhecido ator para uma outra dimensão, a mesma que o consagraria em 2020 pelo *The New York Times* como o maior ator do século XXI. A. O. Scott escreveu a propósito do ator: “Denzel Washington está além de qualquer categoria: um titã do cinema que é também um artesão subtil e sensível, com uma formação séria e clássica em teatro e uma presença fulgurante de estrela de cinema”. E Manohla Dargis falou de um ator capaz de sugar o filme em que entra com o seu carisma. Por tudo isto, **Malcolm X** é um filme à medida da figura e do tempo de Malcolm X, e ainda do talento de Washington. Este é, quanto a mim, o maior elogio possível a Spike Lee, que não deixou de fazer o tido-como-impossível-*biopic*-de-grande-escala formalmente radical sobre uma personalidade outrossim incendiária (Lee narra as

atribuições da concretização deste projeto no livro *By Any Means Necessary: Trials And Tribulations of the Making of Malcolm X*). Lee percebeu tanto a magnitude da figura histórica à frente do ator quanto a importância da *presença* única, “titânica”, do ator por detrás da figura histórica. A cena, a meu ver, que melhor ilustra o carisma cinematográfico de Washington é aquela em que o vemos a assistir às notícias do seu país pela televisão. Lee filma-a como se fosse um duelo – quase à maneira de um *western* – e no contra-campo de todas essas imagens de violência está o rosto emudecido de Washington, uma estátua viva, esculpida pelo tempo presente da História, na iminência de se rebelar e provocar uma mudança qualquer. Ele faísca como nenhum campo de batalha que se filmou em toda uma década de cinema-espetáculo. O mais ribombante discurso sobre a América é dado por Washington através de Malcolm X. E sem dizer palavra.

Luís Mendonça